

II Congresso Histórico Internacional

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

18 a 20 de outubro de 2017

ATAS

CIDADE MODERNA - I

2017

FICHA TÉCNICA

Título

II Congresso Histórico Internacional
As Cidades na História: Sociedade

Volume

V - Cidade Moderna - I

Edição

Câmara Municipal de Guimarães

Coordenação técnica

Antero Ferreira
Alexandra Marques

Fotografia

Paulo Pacheco

Design gráfico

Maria Alexandre Neves

Tiragem

200 exemplares

Data de saída

Dezembro 2019

ISBN (Obra completa)

978-989-8474-54-4

Depósito Legal

364247/13

Execução gráfica

Diário do Minho

ÍNDICE

CIDADE MODERNA

CONFERÊNCIA

pág. 7

A cidade moderna na monarquia portuguesa

José Damião Rodrigues

COMUNICAÇÕES

pág. 25

La Reconstrucción de los Grupos Sociales e Identidades Culturales de una Ciudad del Siglo XVI a Través de la Escritura: Santiago de Compostela (1500-1550)

Adrián Ares Legaspi

pág. 49

“Privilégios”, “graça”, “utilidade”: argumentos do pedido de elevação da vila de Moçambique à categoria de cidade

Ana Paula Wagner

pág. 75

Língua e identidade no desenho da sociedade colonial brasileira: o caso das vilas de ameríndios

Ana Rita Bernardo Leitão

pág. 103

Política ilustrada e ações urbanísticas na América portuguesa (segunda metade do século XVIII)

Antonio Cesar de Almeida Santos

pág. 129

La ciudad de Ourense en 1680-1725: ¿un espacio urbano al servicio de las élites concejiles orensanas?

Antonio Presedo Garazo

pág. 157

Books and cities: book commerce in 18th Century Portuguese cities and the learned sociabilities

Cláudio DeNipoti

pág. 179

A Cidade e a *Dádiva* Assistencial – Mecanismos de visibilidade e integração sociais.
Setúbal, 1913

Daniela dos Santos Silva

pág. 205

A organização do mercado no tecido urbano de Braga, durante a Época Moderna

Daniela Nunes Pereira

pág. 237

Dinámicas socioeconómicas y discursos de ciudad en la disputa por la capitalidad del sur valenciano: Alicante versus Orihuela en el siglo XVII

David Bernabé Gil

pág. 267

Arquitetura Doméstica Urbana do Período Colonial em Minas Gerais, Brasil

Elio Moroni Filho

pág. 285

Anotações para o Estudo de Capelas do Ciclo do Ouro em Minas Gerais

Elio Moroni Filho

pág. 313

Sociétés des villes atlantiques européennes des Temps modernes

Guy Saupin

pág. 345

Dinâmicas Urbanas ou o Urbanismo Religioso de uma Cidade em Crescimento. A Colina de Santana na Cidade de Lisboa

Hélia Cristina Tirano Tomás Silva

pág. 369

Aspectos sociais da polícia urbana na Corte hispana: entre Conselho e Junta (1560-1612)

Ignacio Ezquerro Revilla

**A Cidade e a *Dádiva* Assistencial
– Mecanismos de visibilidade e
integração sociais.
Setúbal, 1913**

Daniela dos Santos Silva

CIES-IUL, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

danielasantosilva@hotmail.com

Abstract

A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, alterando o seu nome e sua natureza jurídica para *Associação de Beneficência*, legitima assim, a presença de um novo corpo social e de novos princípios. De um asilo que fundou em 1913 faz a sua bandeira republicana da assistência local, e consegue mobilizar um corpo social heterogéneo que compreendia o *operário, o político, o industrial, a senhora de chapéu e a mulher do povo*, tal como são descritos pela imprensa da época. A celebração da assistência assume nova forma, despojada de qualquer resíduo de espiritualidade institucional, tornando-se estritamente civil e cívica, na medida em que, até 1915 a *caridade* não fará parte dos discursos, mas sim novos conceitos como a *beneficência e assistência* públicas. A celebração da prática assistencial adquire o carácter de espectáculo público, mobilizador, colectivo e heterogéneo. O *Asilo Bocage* (para *inválidos do trabalho*) foi a síntese, o modelo e a bandeira de toda a assistência urbana centrada na Misericórdia. É em seu redor que a assistência e beneficência privadas se congregaram, particularmente através da rede de indivíduos que compunham a gerência da instituição, demonstrando uma consciência mútua de *responsabilidade civil* perante os *merecedores* de auxílio.

1. Introdução

Usar um espaço dedicado exclusivamente à assistência e colocá-lo acessível a toda a população da Cidade como espaço público, é de facto uma inovação que se converteu em considerável capital social e monetário, para a Misericórdia de Setúbal e seus administradores bem como para os sujeitos que praticaram as obras. Esta situação difere completamente daquilo que anteriormente já se havia efectuado aquando da inauguração do Hospital Civil em 1893, em que o mesmo esteve unicamente aberto ao público para visitas no dia da inauguração. Pelo contrário, o *Asilo Bocage*, durante a I República Portuguesa, esteve literalmente *em festa* durante anualmente, em pelo menos, em quatro ocasiões festivas: em 15 de Setembro data da sua inauguração; em 24 de Março, dia do aniversário do seu Director e Benfeitor Dr. Francisco de Paula Borba; em Junho, durante os *Festivais de Verão* e em Dezembro durante a *Festa da Família*, pelo Natal.

Há uma clara adequação do espaço em si para celebrar a assistência que efectivamente era praticada. Isto é, destas iniciativas resultam ampliações, reestruturações, melhoramentos e apetrechamentos dos equipamentos que de imediato se tornavam visíveis. Assim, havia também, para os ofertantes, independentemente das motivações, individuais ou colectivas¹, um índice de confiança consideravelmente elevado nestas instituições, para se depositar consideráveis quantias e géneros, indo ao encontro da elação de Keir Waddington quando refere que se acreditava efectivamente, que esta tipologia de equipamentos beneficiava a (sua) sociedade (Waddington, 2015:14).

¹ Veja-se entre outras a obra de Marco Van Leeuwen, *The Logic of Charity, Amsterdam, 1800-1850*

A capacidade do referido Asilo, (inicialmente de 15 indivíduos) aumentou progressivamente e em 1925, somava sessenta e dois asilados ao fim de 12 anos de estar em funcionamento, cujo fundo de receita englobava apenas as referidas festas, subsídios disponibilizados pelo estado central e município orçamentados, sendo as ofertas particulares, a maior fatia, tanto em géneros como em dinheiro.

Em Novembro de 1910, na primeira sessão dos corpos gerentes da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, após a tomada de posse da Comissão Administrativa nomeada, esta delibera, em virtude das precárias condições financeiras dos equipamentos a seu cargo, apelar aos Jornais da Cidade a favor da Santa Casa e expedir circulares a diversas entidades, pedindo esmolas ou donativos em virtude do dia 25 de Dezembro, feriado dedicado à *Festa da Família*. Decidem ainda, contactar os proprietários das casas de espectáculos da cidade para a cedência de noites em benefício do Hospital e Asilo Acácio Barradas. A partir desta data, as ajudas surgem por diversos canais, quer ao nível particular e empresarial quer públicos; são oferecidos espectáculos, bem como proliferam os donativos e doações. Joaquim Brandão, vice-presidente da Câmara Municipal, em 27 Dezembro de 1910, concede um subsídio mensal ao Hospital da Misericórdia, de 150 réis a ser entregue logo a partir desse mesmo mês². Valeu a este benfeitor, um voto de louvor registado em acta da Mesa³. Mais tarde, já em Março de 1912, sendo Joaquim Brandão agora Deputado pelo Círculo de Setúbal, conquista do Ministério do Interior um subsídio de dois contos de réis, valeu-lhe, por deliberação imediata da Mesa, proposta pelo Tesoureiro António Mendes Fialho, a produção do seu retrato⁴ com a inscrição de *Benfeitor d'este Hospital*, com sessão solene para a colocação na respectiva Galeria de Benfeitores⁵.

É em 20 de Dezembro de 1911 que é deliberado em acta⁶, reformular os estatutos, em virtude da portaria saída do Ministério da Justiça a 18 de Dezembro, que obriga as Misericórdias a reformularem os seus estatutos de acordo com a *Lei de Separação*, até 31 de Dezembro de 1911⁷. Estes foram aprovados em 11 de Abril de 1912 pela Assembleia Geral dos irmãos, e em 27 de Abril, pela autoridade competente – Governo Civil de Lisboa – procedendo-se de imediato à marcação da Assembleia Geral da Associação para 30 de Abril, para a eleição da Mesa Administrativa e Comissão Revisora de Contas. As eleições realizaram-se como previsto, e dela saíram eleitos António José Marques, Joaquim Guilherme d'Assis

² SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Lv de Actas da Comissão Executiva*, [1912-1915], Sessão de 5 Janeiro de 1911. fls.13

³ Idem, fls.14v

⁴ SCMSTB Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0086

⁵ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Lv de Actas da Comissão Executiva*, [1912-1915], sessão de 18 Janeiro de 1912. fl.30

⁶ Idem, Sessão de 20 Dezembro de 1911. fl. 29v

⁷ Mas caso não o fizesse, bastava apenas a cópia da acta da Assembleia Geral, para provar que tal havia sido deliberado.

e António Mendes Fialho, todos eles transitados da comissão anteriormente nomeada, aquando da alteração do regime, pelo Governo Civil⁸. Estatutos, porém, que modificam a denominação da instituição para *Associação de Beneficência da Misericórdia de Setúbal*, alterando a sua natureza jurídica, agora associativa, assumindo-se por completo *estranha a assuntos políticos e religiosos*⁹. Os seus fins, passam a ser unicamente, praticar actos de *assistência e beneficência*, socorrendo os pobres na doença e *decrepitude*, administrar o Hospital Civil da Cidade e outras instituições que venham a estar a seu cargo, incluindo a previsão da fundação de um asilo para inválidos do sexo masculino¹⁰.

Tal foi o impulso, que em 1911 Maria de Jesus D'Almeida Soveral contemplara a Santa Casa com uma propriedade denominada *Baluarte*, situada no *Campo do Bonfim*¹¹, propriedade esta que estará ocupada em Setembro de 1913 com o *Asilo Bocage*, para inválidos do trabalho do sexo masculino, administrado pela Misericórdia tal como estava previsto. A esta doadora, também lhe coube a produção de um retrato a ser colocado na galeria de benfeitores¹². Entre outros, *A Folha*¹³ faria as honras de divulgação da renovada atitude desta centenária instituição, que assim seriam disseminadas e projectadas no tecido social urbano para que de inspiração servisse a potenciais doadores.

A ideia de se fundar uma casa para convalescença e abrigo de *velhos* do sexo masculino não foi originária do período republicano, pois era considerada já uma necessidade pela gerência da Misericórdia de 1894-1895, ainda durante a Monarquia Constitucional. No relatório de contas respeitante a esse ano económico, o Provedor José António Januário da Silva, declarou que a Santa Casa se encontrava com graves problemas na sustentação financeira do hospital e asilo de mulheres, e questiona, se *não haverá um cavalheiro que, estando em posição elevada, queira deixar o seu nome immorredouro n'esta cidade, iniciando um asylo para velhos? Não poderão agrupar-se elementos que preenchem esta lacuna há tanto sentida? (...) Mettam-se mãos á obra para que o sol benéfico da caridade possa derreter os gelos da velhice desamparada. Fica desde já oferecida toda a nossa cooperação tanto particular, como a resultante do exercício da missão official*¹⁴. A inovação foi a de consagrar um *asilo* a uma

⁸ Como vogais foram eleitos Joaquim dos Santos Fernandes, António Dias Formiga, Carlos Baptista Bispo, Francisco José de Paiva, António Francisco Baptista e João da Luz Abreu. Os dois primeiros transitaram da comissão anterior dos cargos de conselheiros, o terceiro e quarto transitaram do cargo de Mordomos.

⁹ AHSCMSTB, *Estatutos da Associação de Beneficência da Misericórdia de Setúbal*, Tipografia Santos, Setúbal. 1912. Cap. I, Art.º 3.º. p. 5

¹⁰ *Idem*, Cap. I, Art.º 2.º, p. 5.

¹¹ *Idem*, Sessão de 7 Setembro 1911. fls.25v

¹² SCMSTB Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0032

¹³ *A Folha de Setúbal*, 11 de Abril 1912, n.º7, em que dá a notícia da inauguração de mais um retrato adicionado à *Galeria de Benfeitores* no interior do Hospital Espírito Santo.

¹⁴ SCMSTB, AHSCMSTB, Pt. N.º 1491, *Relatório e Contas da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal*. 1894-1895

finalidade definida: assistência na incapacidade para o trabalho.

Contudo, o processo só se desenrola após a implantação da República e sob a gerência republicana da Misericórdia de Setúbal. Os fundos provêm de uma receita anteriormente angariada aquando das festividades do Centenário de Bocage em 1905. A já *Associação de Beneficência da Misericórdia de Setúbal*, em Novembro de 1912, solicita então à mesma Comissão que esse saldo fosse entregue à Misericórdia *que o aplicaria no asylo para inválidos do sexo masculino e a cujo asylo daria o nome de Bocage*¹⁵. Para que o dinheiro fosse aplicado correctamente sem extravios e excessos, a *Comissão Bocageana* nomeou dois dos seus vogais para acompanharem a sua aplicação¹⁶: o Dr. Francisco de Paula Borba e João José Ferreira da Silva Santarém¹⁷. A Mesa decidiu imediatamente que a *casa de asylo* fosse instalada na propriedade que havia sido legada à Misericórdia em 1911 por Maria de Jesus d'Almeida Soveral. Francisco de Paula Borba, enquanto *cirurgião-médico*, avalia a propriedade dando parecer favorável à sua instalação¹⁸. A autorização para a instalação do edifício nessa propriedade foi dada em 12 de Abril de 1913 por portaria publicada no Diário de Governo n.º85. O processo foi extremamente rápido pois em menos de um ano o *Asilo Bocage* foi instalado, equipado e inaugurado em 15 de Setembro de 1913¹⁹, dia do feriado municipal.

Porém, os fundos oferecidos pela Comissão esgotaram rapidamente antes de a obra estar acabada e foi através de doações particulares e uma subscrição iniciada pelo médico Francisco de Paula Borba, que os recursos surgiram para a continuar e terminar²⁰. Situado na parte sul do *Campo do Bonfim*, o asilo, estava rodeado de um vasto jardim e horta. Tinha 15 dependências entre elas, os *dormitórios*, a *sala dos pensionistas*, a *sala do recreatório*, o *refeitório*, as *salas de banhos*, das *retretes* e dos *lavabos*, a *galeria dos benfeitores* onde eram expostos os seus retratos, a *rouparia*, a *despensa*, *cozinha*, e *casa dos empregados*. Na *Sala de Honra*, - a nova Galeria dos Benfeitores que foi transferida do Hospital para o novo asilo - em notícia de 11 de Setembro de 1913, o periódico setubalense²¹, faz referência aos quadros ali expostos: um à *Comissão Bocageana* de 1905²², que deu o principal donativo,

¹⁵ SCMSTB, AHSCMSTB, *Livro de Actas da Mesa Administrativa* [1910-1927] sessão de 16 Novembro 1912. fls. 43-44

¹⁶ Idem, fls. 43-44

¹⁷ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Livro de Actas da Comissão Executiva* [1912-1915], Sessão 15 Novembro 1912, fls. 4v

¹⁸ SCMSTB, AHSCMSTB, *Livro de Actas da Mesa Administrativa* [1910-1927] sessão de 16 Novembro 1912. fl. 44

¹⁹ Idem, Sessão de 30 Junho 1913. fl. 49

²⁰ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Livro de Actas da Comissão Executiva* [1912-1915], Sessão 30 Julho 1913, fl. 9

²¹ *A Folha de Setúbal*, 11 Setembro 1913, n.º76

²² *Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal – IPM-SCMS, SCMSE.0114, 1913, Benfeitores do Azilo Bocage que ofereceram esmolas superiores a 20 escudos*, Flamengo, 1913; SCMSE.0115, 1913, *Benfeitores do Azilo Bocage que ofereceram esmolas superiores a 20 escudos*, Flamengo, 1913; 0074, *Homenagem à Grande Comissão do Centenário de Bocage em 1905 pelo seu donativo de 6.149,50 escudos*. 1913

um quadro do herói Bocage, dois quadros com os nomes dos benfeitores e um álbum para o mesmo fim.

2. A Celebração Pública da Assistência aos Inválidos do Trabalho – Asilo Bocage

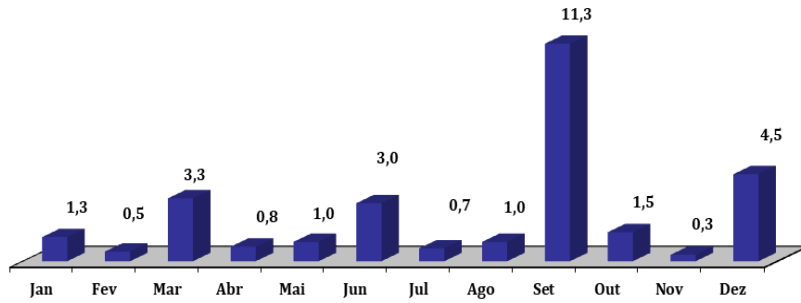
Esta instituição asilar é talvez a maior obra exemplo de *beneficência pública* alguma vez instituída na Cidade de Setúbal. Ao longo de cada ano, desde a sua fundação em 1913 até à morte do seu *Director-Honorário* Francisco de Paula Borba em 1934, foram realizadas festas, jantares e animações diversas tudo para angariar alguma receita para o *Asilo*, proporcionando em simultâneo, momentos de lazer e sociabilidade entre os asilados, elites locais e população da Cidade que quisesse comparecer.

A admissão dos asilados era efectuada através da entrega de requerimentos por parte dos interessados, que depois seriam seleccionados pela Comissão Executiva após uma verificação das suas verdadeiras necessidades²³. O número de candidatos admitidos foi simbolicamente de quinze, em 23 requerimentos apresentados. Ao longo de oito anos, a média de entradas²⁴ foi de 14 indivíduos por ano e a sua maioria situa-se entre os sessenta e os oitenta anos. Os anos de maior número de admissões foram os que corresponderam à inauguração de *Camaratas*, e por sua vez, os períodos do ano de maior número de admissões correspondem aos períodos festivos da instituição durante o regime republicano. Designadamente, no mês de Setembro que coincide com a festa do aniversário e de inauguração de novas camaratas (15 de Setembro) e no mês de Dezembro durante a realização da *Festa da Família* (24 e 24); no dia 24 de Março, aniversário natalício do director, médico e grande benfeitor do Asilo Bocage, Francisco de Paula Borba, e também o impulsionador dessa obra; bem como no mês de Junho, durante a realização dos *Festivais de Verão* (Gráfico 1).

²³ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Livro de Actas da Comissão Executiva* [1912-1915], Sessão 30 Julho 1913, fl. 10

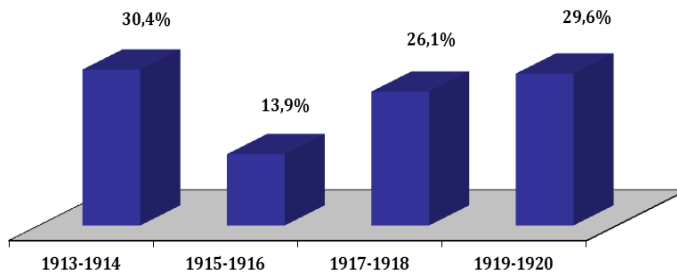
²⁴ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1489, *Registo de Azilados, Azilo Bocage*, [1913-1922]

1. Média Mensal de Entradas 1913-1920



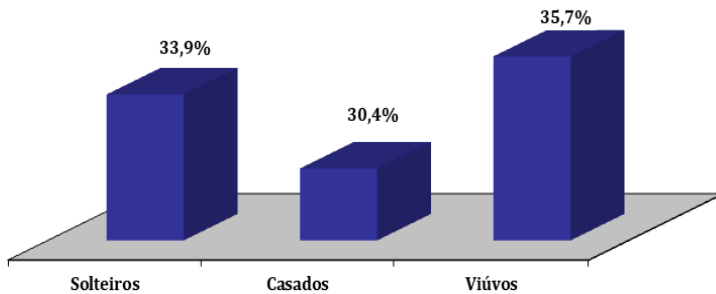
SCMSTB, AHSCMSTB, N° 1489, *Registo de Azilados, Azilo Bocage*, [1913-1922]

2. Percentagem de entradas por estudos anuais 1913-1920



SCMSTB, AHSCMSTB, N° 1489, *Registo de Azilados, Azilo Bocage*, [1913-1922]

3. Entradas por Estado Civil Asilo Bocage 1913-1920



SCMSTB, AHSCMSTB, N° 1489, *Registo de Azilados, Azilo Bocage*, [1913-1922]

O retrato social dos asilados no *Asilo Bocage*, tem a predominância de *trabalhadores* indiferenciados (27%), a classe dos *marítimos* (24,3%), dos *sapateiros* (8,7%) e dos *pescadores* (2,6%), mas apresenta uma grande diversidade de outras ocupações²⁵ que se vai alargando de ano para ano, cumprindo a sua finalidade.

Em Dezembro de 1913 Francisco de Paula Borba, Director-Honorário do *Asilo*, inicia uma subscrição particular para construir uma *camarata* para albergar maior número de indivíduos²⁶. Esta foi-lhe dedicada, e inaugurada em 1914. Em 1917, o médico e benfeitor é eleito *Director-Presidente* da Misericórdia de Setúbal, e a partir deste ano as iniciativas e projectos de assistência à pobreza e doença na cidade de Setúbal, proporcionados pela Misericórdia ou em torno desta, ganham novos contornos, principalmente pelos conhecimentos e saberes científicos inerentes à sua profissão. Em relação ao *Asilo Bocage*, como *Director-Presidente*, constrói mais duas *camaratas* e renova o corpo central do antigo edifício. Em 15 de Setembro de 1920 é inaugurada a *Camarata* denominada *António José Marques*, em homenagem ao antigo Provedor e Presidente da Comissão Administrativa nomeada, pelo seu falecimento nesse ano²⁷. Em 1923, a 15 de Abril, é inaugurada a *Camarata dos Aviadores*²⁸, em homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral²⁹. Existia também a *Camarata Municipal* destinada aos funcionários públicos de Setúbal, que em troca da sua admissão o município pagaria à Misericórdia os seus respectivos salários³⁰.

O *Parque* do Asilo Bocage torna-se progressivamente, no *local mais esmoler d'esta cidade*³¹ e passa também a ser utilizado por outras instituições de assistência para a sua própria angariação de receita, como foi o caso da *feira de caridade* do Asilo da Infância Desvalida realizada, por exemplo, nos verões de 1921³² e 1922³³.

²⁵ Entre 1913 e 1920 constam as seguintes entradas de profissão e respectivos indivíduos: *Trabalhador* (31), *Pescador* (3), *Marítimo* (28), *Padeiro*, *Sapateiro* (10), *Servente de Pedreiro* (3), *Forneiro*, *Alfaiate*, *Magarefe*, *Caixoteiro*, *Vendedor Ambulante*, *Barbeiro*, *Calafate*, *Comerciante*, *Mendigo* (4), *Pedreiro*, *Corticeiro*, *Funileiro*, *Fazendeiro*, *Carroceiro*, *Caixeiro de Taberna*, *Oleiro*, *Brochante*, *Soldador*, *Cauteleiro*, *Moço de Fretes*, *Carregador de Peixe*, *Taberneiro*, *Marroteiro*, *Vendedor de Fruta*, *Fogueiro*, *Boletineiro*, *Marceneiro*, *Agricultor*.

²⁶ A proposta é apresentada à Mesa Administrativa em sessão de 31 de Dezembro de 1913 e é aprovada pela mesma com o compromisso de ajudar no custeio da obra com o excesso de receitas da associação [SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Livro de Actas da Comissão Executiva* [1912-1915], Sessão 31 Dezembro 1913, fl. 14]

²⁷ SCMSTB, AHSCMSTB, *Livro de Actas da Mesa Administrativa* [1910-1927] sessão de 9 Setembro 1920, fl. 178

²⁸ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Livro de Actas da Comissão Executiva* [1921-1925], Sessão 15 Maio 1922, fl. 17

²⁹ Idem, Sessão 30 Abril 1922, fl.16v

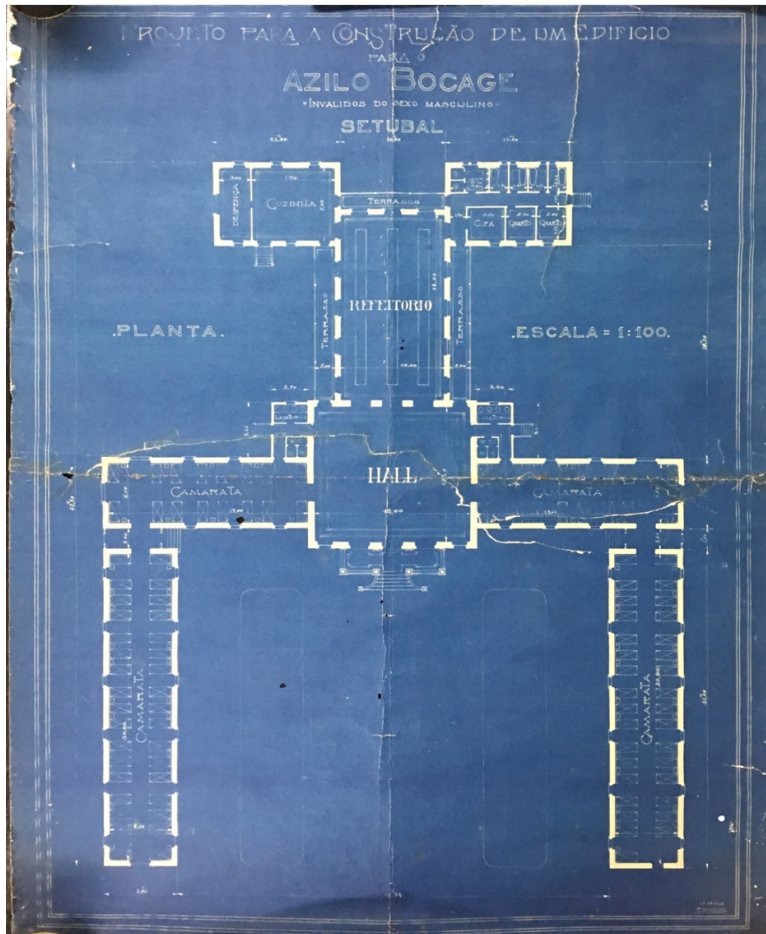
³⁰ SCMSTB, AHSCMSTB, *Livro de Actas da Mesa Administrativa* [1910-1927] sessão de 30 Agosto de 1918, fl. 136v

³¹ Idem, Sessão de 1 Outubro 1921. fl. 197

³² Idem, sessão de 1 Outubro 1921. fl. 197

³³ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Livro de Actas da Comissão Executiva* [1921-1925], Sessão 15 Junho 1922, fl. 18v

AHSCMS.P0003, *Projeto para a construção de um edifício para o Asilo Bocage - Inválidos do sexo masculino - SETÚBAL. Santa Casa da Misericórdia de Setúbal*



2.1. Inaugurações de Camaratas e Aniversários da Instituição

Temporalidade e motivações

Tanto a inauguração, como a celebração dos seus subsequentes aniversários foram sempre comemoradas e realizadas no recinto do próprio equipamento assistencial (Asilo Bocage), com actividades no interior do edifício e no exterior, no espaço denominado o *Parque do Asilo*.

A data de 15 de Setembro é a data fundacional do Asilo mas apresenta contudo, duplo significado, pois é também a data do feriado municipal de Setúbal, que celebra o nascimento do poeta setubalense, tornado herói pela República, Manoel Maria Barbosa du Bocage.

Em média, até ao falecimento do director honorário do Asilo Francisco de Paula Borba, a duração da festividade celebrativa da fundação do asilo, durava 3 dias, normalmente, durante os dias 14, 15 e 16 de Setembro.

No dia 15 de Setembro, celebra-se em primeiro lugar, a abertura do Asilo Bocage, e por coincidência de datas, alia-se a abertura do asilo com a celebração do feriado municipal, consignado ao dia do nascimento do poeta Bocage, verificando-se sempre a alusão a esse facto. Até mesmo a imprensa local, faz referência à importância das festas do Asilo Bocage no dia do feriado municipal, como na *Folha de Setúbal*, no número de 18 de Setembro de 1913 sob o título “*As festas da cidade de Setúbal, no seu conjunto sobressaíram os números de iniciativa particular*”³⁴.

A partir de 1914 e até meados dos anos de 1940, o dia 15 de Setembro, na vida da Misericórdia de Setúbal, estaria sempre associado ao seu Asilo. É neste dia, que se aproveita a ocasião de festa e de celebração para se inaugurar novas camaratas, e sempre a ocasião para a entrada de novos asilados na instituição. Neste ano, após um ano da sua fundação, foi inaugurada a 1.ª Camarata de ampliação da instituição, significando a entrada de mais 10 indivíduos³⁵. Em 1920, em virtude do falecimento de António José Marques, anterior *director-presidente* da Misericórdia de Setúbal, não se realizaram as festividades habituais no Asilo Bocage, estas foram suspensas por ordem da Mesa Administrativa, apenas se realizou o jantar melhorado dos asilados e foi inaugurada a 2.ª Camarata, que já estava prevista, a que a Administração deu o nome de “*Camarata António José Marques*”, homenageando desta forma o seu anterior director.³⁶

A terceira camarata foi inaugurada em 1923 no dia 15, mas no mês de Abril, e não de Setembro. O facto desta inauguração não se ter verificado no mês em que era habitual, prende-se com um motivo muito particular.

Em 17 de Junho de 1922 Gago Coutinho e Sacadura Cabral, chegam ao Rio de Janeiro e completam assim a primeira travessia aérea sob o atlântico sul. Tal como no país inteiro, Setúbal não permanece indiferente ao facto, e na imprensa local, durante todo o trajecto dos famosos aviadores, são dadas notícias e relatórios sobre a famosa viagem. E tal como a cidade não foi indiferente, não o foi decerto a Misericórdia de Setúbal, cujos seus dirigentes tomaram logo em Abril de 1922 as devidas providências para as celebrações e homenagens que deveriam de ser prestadas aos aviadores portugueses quando estes completassem a travessia. Decide-se logo nessa sessão da Mesa Administrativa que a nova camarata se

³⁴ A *Folha de Setúbal*, 18 Setembro 1913, n.º 77.

³⁵ A *Folha de Setúbal*, 20 Setembro 1914, n.º 115

³⁶ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 9 Setembro 1920, fl. 179

denominará “*Camarata dos Aviadores*” e que será inaugurada em 15 de Setembro desse ano, pelo nono aniversário do Asilo Bocage, com a presença dos mesmos.³⁷ Contudo, os aviadores só puderiam comparecer no ano de 1923, muito em virtude das inúmeras visitas que prestaram noutras localidades do país, e na verdade, apenas um dos heróis esteve nesta Cidade. Gago Coutinho não conseguiu estar presente³⁸ e diz ainda o mesmo jornal, que a causa foi a de pura *modéstia* e *aborrecimento*. Foi Francisco de Paula Borba, que em Lisboa, numa conferência com Sacadura Cabral, convidou os dois aviadores a vir a Setúbal, receber a respectivas homenagens³⁹.

Formalidades e intervenientes

Todas estas festividades tinham uma sessão solene que era realizada antes das actividades recreativas que estivessem planeadas. Nessa sessão solene ouviam-se discursos dos protectores do Asilo, entre eles, Joaquim Brandão, deputado pelo círculo de Setúbal, Francisco de Paula Borba, alguns membros da Mesa Administrativa da Misericórdia e representantes das colectividades da Cidade.

Em 1917, ficou estabelecido que se realizasse para além da sessão solene, uma *kermesse*, um *bazar* ou mercado de frutas, uma *garraizada* na praça Carlos Relvas, gratuita, mas cujos donativos revertiam a favor da assistência da Cidade e uma sala do asilo para João Eloy do Amaral, expor os seus trabalhos enquanto pintor⁴⁰. Progressivamente, as festas do Asilo de 15 de Setembro eram bem conhecidas e estavam embutidas no programa de festas do município para a comemoração do feriado municipal. Também de forma progressiva, os programas são cada vez mais elaborados, com as actividades lúdicas mais diversas como as *tômbolas*⁴¹ e até *rifa do Bote Elmano*⁴² e do *escaler*⁴³ *Natal* no ano seguinte. Cada bilhete de rifa custava cem réis, que revertia a favor da construção da nova Camarata que se projectava⁴⁴. Em 1919, é a vez de José Maria da Silva, pintor local, expor os seus trabalhos por ocasião da festa de 15 de Setembro⁴⁵. Foi este pintor, autor de diversos retratos de benfeitores da Misericórdia após a morte do seu habitual retratista Francisco Augusto Flamengo em 1915.

³⁷ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 26 Abril 1922, fl. 205

³⁸ O *Setubalense*, 16 Abril 1923

³⁹ O *Setubalense*, 26 Março 1923, n.º 1660

⁴⁰ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 5 Agosto 1917, fl.105

⁴¹ O *Setubalense*, 13 Setembro 1919, n.º 591

⁴² O *Setubalense* 13 Setembro 1919, n.º 591

⁴³ Pequena embarcação a remos ou vela.

⁴⁴ O *Setubalense*, 19 Setembro 1920, n.º 671

⁴⁵ O *Setubalense*, 16 Setembro 1919, n.º 592

Antes destas actividades lúdicas destinadas aos asilados mas também à população da Cidade, realizava-se sempre um jantar melhorado dos asilados custeado pelos elementos da Mesa Administrativa. Jantar este que se manteve sempre nestas celebrações.

O edifício em todas estas ocasiões esteve aberto ao público, à semelhança do que já havia sido realizado aquando da inauguração do Hospital em 1893, bem como eram efectuadas visitas ao interior do edifício, permitindo um contacto mais próximo com os indivíduos que lá residiam e por outro lado, mostrando a aplicação efectiva dos donativos oferecidos à assistência pública. Depois, dá-se especial atenção aos asilados, de facto, celebra-se a sua admissão no asilo, tornando-se pública a assistência praticada.

É também pretexto, para se fazer entrega de doações que é o caso da *Associação dos Trabalhadores do Mar*, que faz a entrega de três títulos de dívida interna, no valor de 1600 escudos, averbados em nome do asilo⁴⁶.

Na celebração de 1925, 12.º Aniversário, acrescenta-se um *lunch*, ao programa habitual de festas e aproveita-se a ocasião para, à semelhança dos anos anteriores, inaugurar as novas obras feitas no asilo, para as quais muito contribuíram entidades, colectividades e pessoas a título particular da Cidade de Setúbal e Lisboa⁴⁷.

Na inauguração do Asilo Bocage, a *Câmara Municipal e auctoridade administrativa de Setúbal não compareceram nem se fizeram representar*⁴⁸. Facto que não se repetiu nem no 1.º Aniversário, nem nos anos seguintes, em que esteve sempre presente pelo menos um representante da edilidade, juntamente com administradores das outras casas de caridade da cidade, colectividades, filarmónicas, e sempre um grande e heterogéneo número de habitantes como caracteriza e descreve a imprensa da época.

De 1913 diz-nos *A Folha*, que *o recinto encheu-se completamente*, com entidades oficiais militares do Regimento de Infantaria n.º11, bem como a representação do Asilo de Mendicidade de Lisboa.

Do ano de 1914, pela mesma festividade, foi elaborado convite aos sócios e beneméritos benfeitores do asilo. Diz o mesmo periódico, que teve o evento, numerosa assistência, com predominante presença do sexo feminino. Na 1.ª inauguração estavam presentes também entre a assistência, as asiladas do Asilo Acácio Barradas e as crianças do Asilo da Infância Desvalida, não se precisando, se estavam também presentes no aniversário de 1914.

⁴⁶ *A Folha de Setúbal*, 20 Setembro 1914, n.º115

⁴⁷ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 15 Outubro 1925, fl. 264v

⁴⁸ *A Folha de Setúbal*, 18 Setembro 1913, n.º77

Muitas personalidades da esfera política nacional estiveram presentes em alguns aniversários desta instituição, como a presença frequente de Joaquim Brandão, Deputado da Nação, de Jorge Vasconcelos Nunes e João Luiz Ricardo⁴⁹, ambos ex-Ministros da Agricultura, sendo que este último esteve presente em 1922 como representante da Comissão Nacional de Assistência. Também neste ano de 1922 esteve presente em Setúbal para o aniversário do *Asilo*, Vasco Borges, na época Ministro do Trabalho⁵⁰.

Valores e repercussões

A instituição do asilo foi para a administração da Misericórdia (...) *facto sublime e altamente humanitário* (...) na verdade, este foi o primeiro asilo para inválidos do trabalho na Cidade. A administração estava perfeitamente consciente, do que significava para a Instituição esta obra de assistência, pois marcava-lhe *uma nova era, da-lhe mais vitalidade e insufla-lhe uma nova orientação radicando-a no espírito da população d'esta cidade como obra sua muito querida*. (...) ⁵¹.

Acerca do Aniversário de 1919 diz-nos Francisco de Paula Borba que o povo (...) *tem as festas que se organizam nesta casa de caridade como as festas mais simpáticas e altruístas que se fazem em Setúbal*⁵².

Em 1925, *O Século* refere-se às festas da Cidade de Setúbal a propósito do dia 15 de Setembro e diz-nos que (...) *A característica cívica destes festejos quasi não existe sendo substituída com preferível vantagem pela nota simpática do bem e da filantropia* (...). Do *Asilo Bocage* refere-se como sendo (...) *um dos melhores baluartes da generosidade do povo* (...) ⁵³.

Em 1919 o periódico *O Setubalense*, em artigo crítico e explicativo dos novos valores cívicos que levaram às novas festividades cívicas em substituição das religiosas, refere que: *As Festas Bocageanas após o ano do centenário, (...) nunca mais corresponderam a ideia que lhes deu início limitando-se agora a comemorações de iniciativa particular* (...) ⁵⁴. Referindo-se ali à festa do aniversário do *Asilo Bocage*, que teve nesse ano Homenagem e Bolo oferecido por Francisco de Paula Borba para consagrar o dia do nascimento do Poeta ⁵⁵.

⁴⁹ *O Setubalense*, 13 Setembro 1922, n.º 1499

⁵⁰ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 19 Setembro 1922, fl.212

⁵¹ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 14 Novembro 1913, fl, 52v

⁵² SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 17 Setembro 1919, fl.159v

⁵³ *O Século*, 15 Setembro 1925

⁵⁴ *O Setubalense*, 13 Setembro 1919, n.º 591

⁵⁵ *O Setubalense*, 13 Setembro 1919, n.º 591, *Programa*

Contudo, apesar de conter esta componente cívica da esfera municipalista, as festas serviam o *Asilo* e os seus *asilados* e através destes, a Misericórdia. Guilhermina da Costa Botelho Moniz Borba, mulher do director honorário do asilo, em 1914 oferece as 33 camas que iriam servir a nova camarata⁵⁶.

É também devido à existência deste *Asilo*, que se regenera um movimento de entrega de heranças. Em 1916 é doada a Quinta da Cachofarra por João Maria Baptista Ferreira por escritura de 31 de Julho⁵⁷, bem como da Quinta dos Comediantes por Manuel Maria Pinto, sócio fundador⁵⁸. Contudo, vários outros donativos se registaram, entre géneros alimentícios, equipamentos e vestuário.

No ano económico de 1913-1914, que corresponde ao primeiro ano de funcionamento do Asilo Bocage, foi doada em dinheiro a quantia total de 1 470\$48 só para o referido asilo. Destes dinheiros, 409\$00 escudos foram oferta de particulares, ou de pessoas que indo ao asilo, ali deixavam o seu contributo. O *Sindicato dos Fabricantes de Conservas de Peixe* fizera a entrega de 50\$00, também as *Associações de Classe* contribuíram largamente, nomeadamente as dos *Soldadores, dos Trabalhadores de Fábricas e dos Operários Metalúrgicos*. Houve também o produto de uma *vacada* na *Praça Carlos Relvas*, antiga praça *D. Carlos*, que rendeu 28\$00 escudos; o produto de uma rifa de novilho que rendeu 80\$; ofertas em troca de postais que renderam cerca de 108\$, e 50% do produto de uma tourada realizada ainda em 1913⁵⁹.

No mesmo relatório aparecem também descritas as verbas oferecidas pelo poder público, designadamente, pela Câmara Municipal e pelas Juntas de Paróquia (comissões de assistência) que no total perfizeram a quantia de quatrocentos e sessenta escudos⁶⁰.

Em virtude das avultadas verbas recebidas anualmente, aumentava-se o número de asilados, frisando-se, que fora em virtude da generosidade pública se tornaram possível essas admissões⁶¹.

Para homenagear as colectividades e pessoas que a título particular auxiliaram o asilo, foram pintados quadros comemorativos com os nomes dos mesmos. O primeiro é

⁵⁶ SCMSTB, AHSCMSTB, Pt.n.º 1491, *Relatório e Contas da Associação de Beneficência da Misericórdia de Setúbal*. 1914-1915

⁵⁷ SCMSTB, AHSCMSTB, Pt.n.º 1491, *Relatório e Contas da Associação de Beneficência da Misericórdia de Setúbal*. 1916-1917

⁵⁸ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 25 Julho 1921, fl. 194

⁵⁹ SCMSTB, AHSCMSTB, Pt. N.º 1491, *Relatório e Contas da Associação de Beneficência da Misericórdia de Setúbal*. 1913-1914

⁶⁰ Administração do Concelho (275\$); Santa Maria da Graça (65\$); S. Julião (60\$); S. Sebastião (30\$); N. Senhora Anunciada (30\$).

⁶¹ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 17 Setembro 1918, fl.138

dedicado à *Comissão* formada para a comemoração do Centenário de Bocage em 1905⁶²; em 1913 são homenageados os benfeitores em dois quadros⁶³ que ofereceram esmolas superiores a 20 escudos⁶⁴; em 1914 homenageiam-se as classes trabalhadoras⁶⁵ com o quadro denominado 1914, *Homenagem às Classes Trabalhadoras de Setúbal representadas pelas seguintes associações de classe*⁶⁶, e em 1918 os benfeitores⁶⁷ novamente homenageados no quadro denominado 1918, *Bemfeitores do azilo Bocage que ofereceram esmolas superiores a 20 escudos*⁶⁸.

A propósito do 3.º Aniversário foram inaugurados postumamente⁶⁹ os retratos de António Dias Quintas⁷⁰ e José Cândido Salvado Júnior⁷¹. Em relação aos heróis aviadores foram oferecidos os quadros com os retratos de ambos e colocados na *Camarata dos Aviadores* no *Asilo Bocage* pelo pintor e professor Conceição Silva.⁷² Em 1922 foram inaugurados os retratos de Maria Assunção Cunha⁷³ e António Henriques Fernandes⁷⁴. Em 1925, são inaugurados os novos refeitório e cozinha do Asilo Bocage que contava, neste ano, com 62 asilados e são também descerrados os retratos fotográficos de Venâncio Olímpio Ferreira

⁶² Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0074, *Homenagem á Grande Comissão do Centenário de Bocage em 1905 pelo seu donativo de 6.149,50 escudos*. 1913

⁶³ (SCMSE 0114) José Maria d'Andrade; Guilhermina Amélia da Costa Botelho Moniz Borba; Henrique Augusto Pereira; Luiz José Baptista; José Guilherme dos Santos; José Sebastião Ferreira & Irmãos; Carolina Ferreira Gonçalves; Gustavo Carlos Herlytz; Celestino Brito dos Santos; José Joaquim Pina "Manteigada"; Companhias Reunidas – Gaz e Electricidade; António Dias Formiga; Vitória Foot-Ball Club; Evaristo da Costa Carmona; Manuel da Silva; Manuel Dias Duque; Henrique Rosa; Bonifácio Lázaro; Viúva e Filhos de José Maria da Silva; Manuel de Deus Pedrosa; Rachel [...] de S. Maia; António Henrique Fernandes; António Dias Quintans; Ritta de C. C. Barreto; Academia Sinfónica de Setúbal; Bombeiros Municipais de Setúbal.
(SCMSE 0115) Maria Lúcia Botelho Moniz Borba; João Botelho Moniz Borba; Venâncio Olimpo Ferreira Torres; Henrique O'Neill Groot Pombo; António Carlos da Costa Botelho Moniz; João Carlos Henriques; Abel Duarte Pólvora; José Manuel de Carvalho Araújo; Joaquim da Costa Novais; José Alves da Silva; António dos Santos Jorge; Gregoria Serrano Teixeira; António Mathias Lopes; José Gonçalves da Cunha; Visconde de Bartissol. / Maria Romana Araújo; Manoel Maria Pinto; Sindicato dos Fabricantes de Conservas de Setúbal; João José Ferreira da [Silva] Santarém; Paulina O'Neill Groot Pombo; Joaquim Mendes Núncio; António Castro; Joaquim Miguel dos Santos; José Pombo Ahrens; António Augusto Quintans; João Marques Cancio; Eduardo A. C. Salgado; João Tavares.

⁶⁴ *Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal*, SCMSE 0114 e 0115, 1913, *Bemfeitores do azilo Bocage que ofereceram esmolas superiores a 20 escudos*. Flamengo. 1913.

⁶⁵ (SCMSE 0049) *Construção Civil e Artes Auxiliares; Pedreiros e Artes Auxiliares; Apanhadores de Peixe; Caixoteiros; Carpinteiros Navais; Carregadores de Peixe; Condutores de Carroças; Empregados do Comercio; Estivadores e Condutores no Rio Sado; Manipuladores de Pão; Operarias das Fábricas de Conservas; Operários Corticeiros; Metalúrgicos; Sapateiros; Pescadores da Murtosa; Soldadores; Trabalhadores das fábricas de Conservas; Trabalhadores do Mar; União dos Estivadores e Baldeadores de Sal no Rio Sado; União dos Carregadores e Estivadores de Mar e Terra; Associação dos Calceteiros de Setúbal e Seus Auxiliares;*

⁶⁶ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0049.

⁶⁷ (SCMSE 0067) Ritta de Cacia Cândida Barreto; Maria José Flamengo; Maria Casimira Coelho Godinho; Maria da Conceição Severino; Ema de Campos Santos Meirelles Pampiona; Emília Augusta Marques; Maria Elena Franco Barros; Adriana Arocha Quintans; Visconde de Bartissol; Emílio Fernandes Otero; António Soares Franco; Ismael Teixeira da Silva; António Ferreira Alves Passos; José Maria da Silva; José Maria; F. M. Lino; Henrique Fernandes Bramão; João Carlos da Silva; Octávio F. Dias; Joaquim Correia Baptista; [Herdeiros] de João José Ferreira da Silva; [Herdeiros] de Manoel José do [Masc.] e Oliveira; Academia Symphonica de Setúbal; Caixa de Socorros da Corporação dos Bombeiros Municipais de Setúbal.

⁶⁸ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0067

⁶⁹ SCMSTB, AHSCMSTB, Pt.n.º 1491, *Relatório e Contas da Associação de Beneficencia da Misericordia de Setúbal*. 1916-1917

⁷⁰ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0251

⁷¹ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0111

⁷² SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, *Livro de Actas da Comissão Executiva [1921-1925]*, Sessão 15 Junho 1925, fl. 4v

⁷³ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0047

⁷⁴ *O Setubalense*, 13 Setembro 1922, n.º1499; Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0108

Torres⁷⁵ e de António Gualdino Ferreira⁷⁶. Em 1928 foi a vez de Joaquim Brandão⁷⁷ receber novo retrato⁷⁸ agora fotográfico.

2.2 Festivais de Verão e Festa da Família

Temporalidade e motivações

Os *Festivais de Verão*, como foram baptizados, eram realizados nos dias 23, 24 e 27 do mês de Junho, e igualmente no *Parque do Asilo*. Porém, nos festejos de Junho de 1915 foi construído um pavilhão especificamente para esse fim, onde no seu interior, seriam vendidos diversos artigos⁷⁹. Já as *Festas da Família*, no mês de Dezembro dias 24 e 25, e 1.º de Janeiro, eram realizadas no interior do edifício do Asilo.

Quanto aos festivais de Junho, existia em primeiro lugar, como objectivo da Instituição, a angariação de receita para sustentar tanto o *Asilo Bocage* como o *Hospital*. Em segundo lugar, estas festas dizem respeito à comemoração do Santo Popular S. João, que só a partir de 1916 é anunciado enquanto tal, porque até aí, as festas de Junho eram apenas o *Festival de Verão do Asilo Bocage*⁸⁰.

A festividade do Natal e de *Ano Bom*, celebrada em 24 e Dezembro e em 1 de Janeiro respectivamente, está associada à família, e é nesse sentido que se realizam estas festas⁸¹. Em 1915, aproveita-se esta ocasião para angariar receita através da venda de rifas⁸².

Em 1914, propagandeou-se pela imprensa a ideia da administração da Misericórdia, de promover os festivais no parque do asilo para angariar alguma receita para o *sustento dos velhinhos*⁸³. E de facto, após o jantar dos asilados oferecido pela Mesa, que se tornará habitual nestas datas, decorre no recinto exterior do edifício uma *Kermesse*. Esta festa, transformada em festival no ano de 1914, prolongou-se pelos dias 16 e 20 de Setembro,

⁷⁵ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0253

⁷⁶ SCMSTB, AHSCMSTB, *Livro de Actas da Mesa Administrativa* [1910-1927] sessão de 15 Agosto 1925, fl. 264; Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0244

⁷⁷ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0260

⁷⁸ *O Século*, 16 Setembro 1928.

⁷⁹ *A Folha de Setúbal*, 6 Junho 1915, n.º 146

⁸⁰ *A Folha de Setúbal*, 27 Junho 1915, n.º 148

⁸¹ Festa da Família, com Jantar oferecido aos Asilado em 25 Dezembro 1913; Jantar oferecido aos Asilados em 1 de Janeiro 1914/ Festa da Árvore do Natal, 25 de Dezembro 1914/ Jantar Oferecido aos asilados em 1 de Janeiro de 1915/Festas da Família, 24 e 25 de Dezembro 1916/ Jantar oferecido aos asilados, 1 de Janeiro 1918/

⁸² *A Folha de Setúbal*, 3 Janeiro 1915, n.º 129

⁸³ *A Folha de Setúbal*, 30 Agosto 1914, n.º 112

respectivamente Quarta-feira e Domingo. A partir deste ano, realiza-se nestes dias, no parque do asilo a *Kermesse*, a venda de rifas⁸⁴ de objectos e animais oferecidos⁸⁵, fazem-se exposições de pintores locais, sempre ao som das filarmónicas⁸⁶.

Formalidades e intervenientes

Em Dezembro, ofertam-se os jantares melhorados aos asilados e rapidamente esta festividade junta no edifício do asilo, outras instituições de assistência da Cidade, como as asiladas do Acácio Barradas e crianças do *Asilo da Infância Desvalida*. Para estas últimas, coloca-se a árvore de Natal no asilo, para a qual os benfeitores e população da Cidade, poderiam compartilhar com presentes para as crianças, tal como aconteceu em 1914, com a respectiva Árvore do Natal (...) cujo recheio composto de bonitos e mimosos brinquedos, todos nacionais, será sorteado em bilhetes de 10 centavos, revertendo a receita na totalidade a favor do asilo⁸⁷. Na festividade do Natal em 1922 fez-se a respectiva Árvore, concertos de filarmónicas locais, rifas e leilão de diversos objectos oferecidos, distribuição de doces e broas às crianças das casas de assistência de Setúbal, sendo que estes géneros foram ofertados pelos membros da Mesa e admissão de cinco asilados para preencher as vagas existentes. Foi também durante esta festividade que se celebrou o lançamento da primeira pedra para a construção do novo refeitório do Asilo⁸⁸.

Quanto aos Festivais de verão, à semelhança do dia do aniversário do asilo, também o programa de festas engrandeceu tanto em actividades, como em espectáculos. O ano de 1915 foi o primeiro em que se realizaram estes festivais. Realizou-se em 23, 24 e 27 de Junho e para além da *kermesse*, rifas, tómbolas e bazares, para angariação de receitas, actuava a *Banda de Infantaria n.º 11*, bem como a *Tuna 1.º de Maio* e o grupo *O Intransigente*⁸⁹. Em 1922 actuaram no festival a *Banda do Regimento de Infantaria n.º 11*, as Sociedades Musicais *Capricho Setubalense*, *União Setubalense* e a filarmónica *Instrução Musical da Quinta do Anjo*⁹⁰.

⁸⁴ A Folha de Setúbal, 6 Junho 1915, n.º 146

⁸⁵ O Setubalense, 21 de Junho 1919, n.º 531

⁸⁶ A Folha de Setúbal, 4 Julho 1915, n.º 149

⁸⁷ A Folha de Setúbal, 20 Dezembro 1914, n.º 127

⁸⁸ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 23 Dezembro 1922, fl. 217v

⁸⁹ A Folha de Setúbal, 27 Junho 1915, n.º 148

⁹⁰ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 27 Junho 1922, fl. 207

As participações eram de ordem vária, desde a numerosa assistência do povo de Setúbal, às elites administrativas, que no periódico *A Folha* é assim ilustrada: *Asilados, crianças, senhoras de chapéu e mulheres do povo, industriais e operários (...)*⁹¹.

As bandas das sociedades filarmónicas também tinham a sua participação anual regular, é o caso da presença sempre certa da *Banda do Regimento n.º 11*⁹²; da *Capricho Setubalense* e a *União Setubalense*⁹³, bem como algumas participações pontuais, como a *Sociedade Musical Humanitária Palmelense, a Democrática Barreirense e a Amizade Alcacerense*⁹⁴

A festa do Natal não tem carácter público, pois a sua motivação residia num ambiente familiar e não aberto a toda a população de Setúbal. Era destinado aos benfeitores mais próximos da Instituição. Os principais beneficiados com esta celebração eram as crianças do *Hospício Municipal* e do *Asilo da Infância Desvalida*. Contavam porém, com a presença dos elementos dos órgãos directivos da Misericórdia de Setúbal.

Valores e repercussões

O principal objectivo dos festivais era a avultada receita que era angariada através das *kermesses*, das *tômbolas* e das *rifas*. Diz-nos *A Folha* que: *O povo disputa a primazia de esmolar o azilo (...)* e dá a imagem do movimento da referida festa em eloquente discurso: *(...) A tristeza da velhice misturada com a alegria das crianças, a fisionomia das senhoras de chapéu confundia-se com a mulher do povo, o producto do trabalho igualando-se ao resultado da industria*⁹⁵. Já nas palavras de um membro da Mesa que permaneceu anónimo no mesmo artigo, diz-nos este dirigente que: *“são estas festas as verdadeiras lições que educam e confraternizam o povo” (...)*. Ainda sobre o *arraial* de 1915, diz-nos o mesmo periódico que os albergados estavam *cercados pelo povo que com eles conversava, e felicitavam pelo bem estar em que presentemente se encontravam*⁹⁶.

Já numa vertente mais prática da utilidade do Asilo para com os recursos da assistência em Setúbal, nas palavras de Francisco Paula Borba, director do Asilo: *“Aumentar a receita do Asilo é diminuir a despesa do hospital”*⁹⁷.

⁹¹ *Folha de Setúbal*, 27 Junho 1915, n.º 148

⁹² SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 28 Junho 1921, fl. 191v

⁹³ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 30 Junho 1920, fl. 172v; Sessão de 30 Janeiro 1921, fl. 182; sessão de 28 Junho 1921, fl. 191v; sessão de 27 Junho 1922, fl. 207v

⁹⁴ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 30 Junho 1920, fl. 172v; sessão 28 Junho 1921, fl. 191v;

⁹⁵ *A Folha de Setúbal*, 27 Junho 1915, n.º 148

⁹⁶ *A Folha de Setúbal*, 4 Julho 1915, n.º 149

⁹⁷ *A Folha de Setúbal*, 4 Julho 1915, n.º 149

Do festival de 1919 diz-nos *O Setubalense* que (...) *a isto se limitam na Cidade as festas de S. João civilizadas (...)*⁹⁸. Denotando-se pela cidade a falta de actividades lúdicas, bem como as “bem frequentadas” aos olhos do periódico.

As *Festas da Família*, realizadas pelo Natal tinham um simbolismo que iria muito para além da receita que poderia ser angariada, e de facto, não era esse o seu principal objectivo. Sendo o *Asilo* uma casa de recolhimento e a nova morada para os seus *asilados*, pretendia-se com esta celebração *a sincera confraternização familiar* dedicada aos trabalhadores inválidos da Cidade⁹⁹.

São vários os donativos, quer em géneros quer em materiais, oferecidos ao *Asilo Bocage* tanto pelos benfeitores e sócios, como por algumas *Associações de Classe* e pela população em geral. Durante a *Festa da Família* realizada em 1914 no *Asilo Bocage*, foi admitido, em virtude das receitas recebidas, mais um asilado¹⁰⁰. Por ocasião do festival de Junho de 1915, foi oferecido um fogão no valor de duzentos e quarenta escudos, por uma comissão de senhoras que se reuniu para esse fim, e, apesar de a Comissão Executiva¹⁰¹ já ter conhecimento da disponibilidade da oferta em 30 de Maio, esta só se concretiza por ocasião do festival em Junho¹⁰² (note-se a escolha do momento para a concretização da oferta, dando-lhe visibilidade). Em virtude desta oferta, a Mesa e Direcção do *Asilo* decidem admitir mais um asilado à semelhança do que já se havia passado no final do ano de 1914 e que se repete em 1916¹⁰³, 1917¹⁰⁴, 1919¹⁰⁵ e 1921¹⁰⁶. Também como consequência dos bons resultados do festival por ele organizado e pago, a Mesa Administrativa decide dar o nome de *Dr. Francisco de Paula Borba* à Camarata recentemente inaugurada¹⁰⁷. Para esse efeito, foi escolhida a data de 24 de Março do ano de 1916, data do seu aniversário.

⁹⁸ *O Setubalense*, 23 Junho 1919, n.º532

⁹⁹ *O Setubalense*, 22 Dezembro 1919, n.º673

¹⁰⁰ SCMSTB, AHSCMSTB, Pt.n.º 1491, *Relatório e Contas da Associação de Beneficência da Misericórdia de Setúbal*. 1914-1915

¹⁰¹ SCMSTB, AHSCMSTB, n.º 1480, Livro de Actas da Comissão Executiva [1921-1925], Sessão 30 Maio 1915, fl.1

¹⁰² SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 8 Junho 1915, fl. 63;

¹⁰³ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 4 Setembro 1916, fl. 86

¹⁰⁴ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 5 Agosto 1917, fl.104v

¹⁰⁵ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 13 Janeiro 1919, fl. 118

¹⁰⁶ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 28 Junho 1921, fl. 189

¹⁰⁷ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 30 Dezembro 1915. fls 73-74v

Por ocasião da visita a Setúbal às *casas de caridade* a cargo da Misericórdia em 18 de Junho 1922, foi pintado um quadro com o nome de Álvaro Possolo e de João Luiz Ricardo¹⁰⁸ e colocado na sobredita sala¹⁰⁹.

A respeito da fundação do equipamento, em discurso redigido a propósito do Relatório de Contas do ano económico de 1913-1914, o então Director-Presidente António José Marques deixa o significado que a obra tem tanto para a sua administração como para a assistência na cidade de Setúbal:

(...) *Registado ficará para sempre em letras d'ouro nos annaes d'esta Associação, no catálogo beneficente d'esta cidade e até mesmo na história da assistência pública do paiz, o acto invulgar e grandioso da fundação nesta cidade do asylo de inválidos do sexo masculino. Que todos contribuíram para obra tão benéfica e verdadeiramente altruísta fiquem para sempre ligados a sua historia, e que os habitantes d'esta cidade os considerem uns beneméritos da humanidade. Gravemos, no entanto, aqui, o nome do Benemérito [Francisco de Paula Borba] e asseguremos também aos restantes auxiliares d'esta administração o reconhecimento profundo a que tem jus (...).*

Contudo, tal facto não permaneceu na memória colectiva da Cidade de Setúbal e as referências ao *Asilo Bocage* no dia 15 de Setembro estão completamente ausentes desde a década de 1960. Ainda que permaneça o equipamento, hoje denominado *Lar Dr. Francisco de Paula Borba*, e sem alteração estrutural à sua arquitectura, nele sobrevive apenas a memória da sua fundação e as lápides de homenagem ainda visíveis nas antigas camaratas – *Dr. Francisco de Paula Borba* (1915); *António José Marques* (1920); *Aviadores* (1923).

Face ao que foi descrito na introdução nos seus primeiros parágrafos e quase enumerado nos seguintes, é verificável que certos paradigmas teóricos actuais acerca do fenómeno histórico do voluntarismo e da dádiva no âmbito da assistência pública ou privada, se revelem redutores e insuficientes para explicar este envolvimento múltiplo e heterogéneo do tecido social desta comunidade em particular.

A *filantropia* e a *beneficência* – e a *caridade privada* – assumiram, enquanto processo, uma renovada honradez, *função*, *dever* e *graça*, sobretudo após o fim das guerras napoleónicas e a circulação das conclusões da *Comissão de Revisão da Poor Law* em 1834, em que

¹⁰⁸ Inventário de Património Móvel da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, SCMSE 0095, HOMENAGEM Aos Ex^{mos}. Srs. Dr. ALVARO AUGUSTO FROES POSSOLO DE SOUSA E Dr. JOÃO LUIZ RICARDO Por serviços prestado a assistência de Setúbal e muita dedicação ao Azylo Bocage. MCMXXII, 1922.

¹⁰⁹ SCMSTB, AHSCMSTB, Livro de Actas da Mesa Administrativa [1910-1927] sessão de 27 Junho 1922, fl. 208v.

se reconhece a inevitabilidade da existência da pobreza em sociedades económicas, industriais e socialmente dinâmicas (WOOLF, 1989: 54).

Em suma, os administradores de equipamentos assistenciais sabiam como «coagir» em favor do seu instituto em detrimento de outros, e assim, moldar e direcionar a opinião pública sobre *onde* e a *quem* dar. Assim, uma das formas para tentar perceber quais as motivações das atitudes caritativas ou filantrópicas, passíveis de se tratarem como fontes historiográficas, são os discursos utilizados e veiculados nos eventos por esses mesmos administradores (Waddington, 2015:24; Silva, 2010).

Assim se verificou para Setúbal, na celebração da assistência (Silva, 2010).

Bibliografia

DUPRAT, Catherine (1993). «*Pour l'amour de l'humanité*», *Le temps des philanthropes, La philanthropie parisienne des Lumières à la monarchie de Juillet*, Tome I. Paris: Éditions du Comité des Travaux historiques et scientifiques.

CARVALHO, David Augusto Luna de (2004). As Confrarias Durante a I República em Portugal, 1911-1912. In *Em Nome do Espírito Santo - História de um Culto*. Lisboa: IANTT, p. 117-128.

JONES, Colin (2005). *Charity and bienfaisance - The treatment of the poor in the Montpellier region 1740-1815*. Cambridge: Cambridge University Press.

SILVA, Daniela dos Santos (2010). *Rituais e Celebrações Públicas da Assistência em Setúbal, do Final da Monarquia Constitucional à Inauguração do Museu da Cidade, 1893-1961*. Lisboa: Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História Moderna e Contemporânea, ISCTE-IUL.

VAN LEEUWEN, Marco H. D (2000). *The Logic of Charity, Amsterdam 1800-1850*. UK: Palgrave, Macmillan Publishers Ltd.

WADDINGTON, Keir (2015). *Charity and the London Hospitals, 1850-1898*. Suffolk: Boydell & Brewer Ltd.

WOOLF, Stuart (1989). *Los pobres en la Europa Moderna*. Barcelona: Editorial Critica.